

**ARTIGO**

**PARA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES: MISSÃO PROTESTANTE, EXTENSÃO AGRÍCOLA E O IMAGINÁRIO DA EAL (1908-1936)**

For beyond the scholar walls: protestant mission, extension and imaginary of EAL (1908-1936)

Más allá de los muros: misión protestante, extensión agrícola y el imaginario de la EAL (1908-1936)

*José Normando Gonçalves Meira*

Universidade Estadual de Montes Claros – Brasil

**Resumo**

Este artigo discute as atividades de extensão da Escola Agrícola de Lavras (EAL) no período entre 1908, quando foi fundada, a 1936, quando nela consolidou-se o ensino superior de Agronomia. Os objetivos deste estudo são: (a) compreender as estratégias de penetração na sociedade por parte da instituição pesquisada, pretendendo a sua aceitação como propulsora do progresso; (b) interpretar as motivações e providências para a efetivação do projeto; (c) analisar a relação entre a origem norte-americana dos empreendedores e os aspectos daquele contexto que os levaram a acreditar na importância de tais ações para a realização dos seus ideais; e (d) verificar como teorias e políticas referentes à modernização da agricultura no Brasil influenciaram as atividades de extensão empreendidas pela EAL. Foram utilizadas fontes do Arquivo Público Mineiro, do Museu Bi-Moreira da Universidade Federal de Lavras e do Pró-memória Gammon, do Instituto Presbiteriano Gammon, em Lavras (MG).

**Palavras-chave:** Ensino agrícola. Extensão agrícola. Missão protestante.

**Abstract**

This article debates about the extension activities of the Escola Agrícola de Lavras (EAL) in the period of time between 1908, when it was founded, to 1936, when the higher education in agronomy was consolidated on the college. The objectives of this study are: (a) the strategies of the researched institution on penetrating the society, as propellant of the progress; (b) to interpret the motivations and providences taken for the actualization of the project; (c) to analyze the relationship between the entrepreneurs north-american origin and the aspects of that context that led them to believe on the value of such actions to the achievement of their ideals; and (d) to verify how theories and policies referring to the modernization of the agriculture in Brazil influenced the extension activities undertaken by EAL. It was used sources from Arquivo Público Mineiro, Museu Bi-Moreira da Universidade Federal de Lavras and Pro- Memória Gammon, from the Instituto Presbiteriano Gammon, in Lavras (MG).

**Keywords:** Agricultural teaching. Agricultural extension. Protestant mission.

## Resumen

Este artículo discute las actividades de extensión de la Escuela Agrícola de Lavras en el período entre 1908, cuando fue fundada, a 1936, cuando en ella se consolidó la enseñanza superior de agronomía. Los objetivos de este estudio son: (a) comprender las estrategias de penetración en la sociedad por parte de la institución investigada, pretendiendo su aceptación como propulsora del progreso; (b) interpretar las motivaciones y providencias para la efectividad del proyecto; (c) analizar la relación entre el origen norteamericano de los emprendedores y los aspectos de ese contexto que los llevaron a creer en la importancia de tales acciones para la realización de sus ideales; e (d) verificar como teorías y políticas referentes a la modernización de la agricultura en Brasil influenciaron las actividades de extensión emprendidas por la EAL. Se utilizaron fuentes del Archivo Público Mineiro, del Museo Bi-Moreira de la Universidad Federal de Lavras y del Pró-memoria Gammon, del Instituto Presbiteriano Gammon, en Lavras-MG.

**Palabras clave:** Ensino agrícola. Extensão agrícola. Missão protestante.

## Introdução

Este artigo discute as atividades de extensão da Escola Agrícola de Lavras no período entre 1908, quando foi fundada, a 1936, quando nela consolidou-se o ensino superior em Agronomia. Analisa as estratégias de penetração na sociedade por parte da instituição. Por se tratar de uma escola confessional, serão consideradas também as suas intenções religiosas refletidas nas suas ações educacionais. Essa escola pretendia ser recebida pela sociedade regional como propulsora do progresso e assim ganhar espaço para a evangelização. Interpretar as motivações e providências para a efetivação do projeto, analisar a relação entre a origem norte-americana dos empreendedores e os aspectos daquele contexto que os levaram a acreditar na importância de tais ações para a realização dos seus ideais e verificar como teorias e políticas referentes à modernização da agricultura no Brasil influenciaram as atividades de extensão empreendidas pela EAL também fazem parte dos objetivos deste estudo.

A Escola Agrícola de Lavras foi idealizada por Samuel Rhea Gammon, tendo como objetivo influenciar toda a região Oeste de Minas Gerais com os seus ideais de modernidade e progresso. Tais ideais, segundo a tradição religiosa de origem puritana, calvinista, estavam vinculados ao dever cristão do exercício da sua vocação no mundo e desenvolvimento das potencialidades humanas para a glória de Deus<sup>1</sup>. Considerando que em Lavras já havia se instalado, com a chegada da Missão, vinda de Campinas em 1893, sob a sua direção, o

<sup>1</sup> Segundo o entendimento reformado, todas as coisas foram criadas por Deus, para a Sua própria glória e devem ser objeto de todo empenho humano no exercício pleno das suas habilidades. Daí o lema do Instituto Evangélico: "Para a Glória de Deus e progresso humano".

Instituto Evangélico, que posteriormente passou a chamar-se Instituto Gammon, onde eram desenvolvidos outros tipos de ensino, a criação da Escola Agrícola seria apenas mais um desafio dentre os já assumidos.

A ideia era formar agentes de mudança capazes de contribuir para o progresso da nação brasileira, fazendo “brilhar a luz do Evangelho” nesta terra: a reforma da sociedade, segundo os princípios teológicos protestantes da vertente calvinista. Em uma conferência realizada no Rio de Janeiro, em 1912, Samuel Gammon foi incumbido de falar sobre o tema: “A Contribuição das Escolas Evangélicas para o Progresso do Brasil”. A sua ideia de “progresso” manifesta-se nos cursos oferecidos pela escola, sobretudo, a Escola Agrícola, com sua fazenda modelo, que adquiriu prestígio junto ao governo, que, além de manter alguns alunos, ofereceu bolsas a alguns deles para estudarem nos Estados Unidos, sob recomendação do Instituto.

Para executar o empreendimento, a Missão Oeste do Brasil, mediante solicitação do reverendo Samuel Gammon, providenciou a vinda dos Estados Unidos do agrônomo recém-formado Benjamin Hunnicutt, que na ocasião tinha apenas vinte anos de idade. Além dos conhecimentos científicos adquiridos no Mississippi State College, era atribuída ao jovem bastante experiência nas questões relacionadas ao cultivo da terra, devido à sua tradição familiar<sup>2</sup>. Hunnicutt é lembrado nas publicações da Universidade Federal de Lavras, não apenas como o fundador da escola, mas como responsável por iniciativas pioneiras consideradas relevantes para a região e em âmbito nacional.

### **Atividades de extensão na Escola Agrícola de Lavras**

Para evitar anacronismo, é preciso esclarecer que o termo “extensão rural” será aqui utilizado para se referir às ações da Escola Agrícola de Lavras (EAL) que visavam alcançar a comunidade mais extensa, extrapolando os seus objetivos específicos para a formação dos seus alunos, reconhecendo que em grande parte do período estudado o termo ainda não era empregado nesse sentido. De acordo com os documentos da Escola Agrícola, esta seria a responsável pela inauguração da extensão rural no Brasil, quando, em 08 de outubro é criado o Grêmio Agrícola cujo presidente era o aluno Jaime Ferreira de Brito. A partir desse momento, ações sistemáticas começaram a ser realizadas para tanto, mas antes disso, tanto a

---

<sup>2</sup> Segundo os registros do Museu Bi-Moreira, da Universidade Federal de Lavras, “Toda a sua família tinha grande conhecimento com a agricultura e registra uma curiosidade: ‘a sua bisavó fora proprietária da fazenda ‘Tara’, imortalizada na obra *...E o Vento Levou*””.

Escola Agrícola de Lavras, como outras instituições, já procurava ampliar a sua esfera de ação com o objetivo de levar a modernização aos produtores agrícolas em geral.

A extensão agrícola propriamente dita no Brasil é considerada a partir da década de 1940 (LISITA, 2005), em período marcado pela intensificação do debate sobre as questões relacionadas ao desenvolvimento nacional, tendo em vista as profundas mudanças no contexto sócio-político ocorridas a partir de 1930. A agricultura passa ter nova função qualitativa, buscando definir as necessidades de produção para o mercado externo e, ao mesmo tempo, para atender às demandas de consumo interno das massas urbanas (CORPORAL, 1991). Alguns autores apontam os indícios de seu surgimento ou sistematização a partir da década de 1930, destacando que “entre os anos 30 e os anos 50, as novas práticas de ‘ensino’ suplantariam, pouco a pouco, sua dimensão escolar, transmutando-se em ‘assistência técnica’, mediante a proliferação de clubes agrícolas e assistência comunitária” (MENDONÇA, 1999, p. 20). Reconhecem, entretanto, que práticas embrionárias de extensão rural já podem ser observadas anteriormente, quando

[...] a partir de 1908, observa-se a criação de estações experimentais, institutos de pesquisa e a diversificação dos periódicos (boletins técnicos, revistas para agricultores, jornais agrícolas, revistas especializadas em tópicos de agronomia e zootecnia e cadernos de agricultura em jornais diários), de iniciativa tanto pública como particular [...] A lógica inerente a esse novo sistema agrícola seria a razão. Ela ergueria a nossa agronomia à altura de ciência. (OLIVER; FIGUEIRÔA, 2006, p. 110-112).

Ainda que a instalação da extensão rural no Brasil, de forma mais sistemática e efetiva, tenha se dado a partir dos anos 1930, a necessidade de modernização e progresso percebida desde o final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, conforme discussão empreendida por Meira (2009), justificaram diversas ações por parte das instituições nascentes para alcançar os produtores em geral e não somente a nova geração que poderia ser formada em seus bancos.

A extensão era um empreendimento que visava a persuadir os produtores, apontando-lhes a necessidade da utilização das novas tecnologias. Seus conhecimentos empíricos deveriam ser superados, passando a dialogar com os conhecimentos científicos. Para isso era necessário intenso trabalho de propaganda para convencer o produtor rural dessa necessidade, mediante o discurso da superação do atraso, tendo como referência os países desenvolvidos, especialmente os Estados Unidos. O aumento da produtividade e o desenvolvimento do potencial do Brasil, segundo o discurso hegemônico das elites da época, um país vocacionado para a produção agrícola, era problema que exigia solução urgente. A justificativa para as atividades de extensão, portanto, era o de estimular a população rural para que aderisse às

mudanças consideradas necessárias em sua maneira de cultivar a terra, de criar o seu gado, de administrar o seu negócio, aumentando a produtividade e melhorando a qualidade de vida das famílias, inclusive no que diz respeito à saúde, promovendo assim, o progresso da sociedade. Lisita (2005, p. 2) afirma que, em termos gerais,

[...] a extensão rural no Brasil nasceu sob o comando do capital, com forte influência norte-americana e visava superar o atraso na agricultura. Para tanto, havia a necessidade de “educar” o povo rural, para que ele passasse a adquirir equipamentos e insumos industrializados necessários à modernização de sua atividade agropecuária, com isso ele passaria do atraso para a “modernidade”. O modelo serviria para que o homem rural entrasse na dinâmica da sociedade de mercado, produzindo mais, com melhor qualidade e maior rendimento. Um modelo “tecnicista”, isto é, com estratégias de desenvolvimento e intervenção que levam em conta apenas os aspectos técnicos da produção, sem observar as questões culturais, sociais ou ambientais. Com raízes “difusionistas”, pois visa apenas divulgar, impor ou estender um conceito, sem levar em conta as experiências e os objetivos das pessoas atendidas.

A extensão rural insere-se “num conjunto de debates sobre a modernização nacional” (BOMBASSARO, 2006, p. 1). A Escola Agrícola de Lavras é portadora desses ideais, como fica evidente tanto pelo discurso direto como também por suas ações e planejamentos durante todo o período que o presente estudo abrange. Desde o início das suas atividades em 1908, a EAL, aderindo às propostas de modernização da agricultura brasileira, procurava desenvolver atividades que suplantassem a mera formação técnica dos seus alunos. O objetivo era alcançar também aqueles produtores rurais que não tinham acesso a essa formação. Seria uma forma de resolver problemas imediatos sem ter que esperar o surgimento de uma nova geração escolarizada para gerir os empreendimentos agrícolas. Levando o conhecimento científico imediatamente às fazendas, mesmo que de forma rudimentar, os seus benefícios já poderiam ser obtidos.

Já em 1910, em parceria com o Governo de Minas Gerais, instrução prática e elementar era dada aos lavradores da região com o objetivo de habilitá-los para utilização de máquinas e obtenção de conhecimentos elementares da produção agrícola, conforme consta no Relatório da Diretoria de Agricultura, Comércio, Terras e Colonização, referente ao ano de 1910, apresentado ao secretário da Agricultura, Dr. José Gonçalves de Souza: “Receberam o ensino prático de agricultura nesta escola 29 aprendizes. Possui 18 máquinas agrárias e 2 de beneficiamento, sendo: 10 arados, 2 destorroadores, 2 grades, 2 semeadores, 2 capinadores, 1 debulhador de milho e 1 máquina de cortar capim”.

Mantido pelo governo estadual, havia também um posto zootécnico que, além de servir para o treinamento dos estudantes, atendia à comunidade. Com a chegada de animais de

raça importados, havia também a oportunidade para os produtores da região melhorar a qualidade dos seus animais. Os reprodutores da “fazenda modelo” eram alugados para isso. As normas para a utilização desses serviços eram estabelecidas pela escola em acordo com a Secretaria de Agricultura do Estado.

Com o objetivo de levantar recursos para ajudar na manutenção da escola, de oferecer ambiente para aulas práticas, espaço de trabalho para alunos que não podiam arcar com as mensalidades do curso e para divulgar as ações modernizadoras da instituição, alguns empreendimentos industriais foram iniciados pelos organizadores da Escola. No caso de grãos, quando ainda não se conhecia na região o processo de ensilagem, foi construído um silo aéreo. Essa construção aparece nos documentos da Universidade Federal de Lavras, reportando-se ao pioneirismo da universidade, sendo este o primeiro silo aéreo de alvenaria construído na América do Sul. O referido silo foi construído em 1915: “Suas paredes são suficientemente fortes para suportar o peso da coluna de ensilagem e por dentro, perfeitamente lisa, do alicerce ao cume. Foi orçado em mais ou menos três contos de réis”.

Além da agropecuária desenvolveu-se também na Escola Superior de Agronomia de Lavras uma indústria de laticínios. Criada em 1909, tendo os seus produtos se tornado conhecidos em diversas outras regiões, a referida indústria servia de símbolo da modernidade que a escola pretendia representar. É objeto de intensa propaganda apresentada como recurso para a manutenção da escola e ao mesmo tempo demonstração de ações modernas e oportunidade de atividades industriais práticas para os alunos no seu preparo para intervenção na sociedade, sendo tecnicamente preparados para as diversas áreas da vida.

Ênfase semelhante era dada às indústrias de beneficiamento de arroz, algodão, café e ao engenho de cana.

Figura 1: Exposição do Milho



Fonte: Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/tgdocs/photo.php?lid=69>

Como o diretor da escola, Benjamin Hunnicutt era estudioso da cultura do milho e entendia ser o Brasil, devido ao clima e condições do solo, o lugar ideal para o desenvolvimento da sua produção. Por isso, organizaram-se, a partir de 1915, na Escola Agrícola de Lavras, exposições nacionais do produto. O objetivo era divulgar as técnicas que poderiam aprimorar o cultivo do cereal e melhorar as variedades dele existentes no Brasil. Várias outras iniciativas relacionadas com o milho foram tomadas pelo professor desde que assumiu o projeto de instalar a escola idealizada por Samuel R. Gammon. Essa exposição, em 1915, foi a primeira iniciativa de alcance nacional por ele empreendida. Produtores de todo o país enviavam amostras da sua produção para concurso, valendo prêmios em dinheiro para os vencedores.

A Universidade Federal de Lavras reivindica para si o pioneirismo nas atividades de extensão agrícola no Brasil. Essas atividades, na verdade, já vinham sendo desenvolvidas a partir de 1908 pela Escola Agrícola de Lavras e outras instituições. A década de 1920, entretanto, é considerada como marco para esses empreendimentos, porque começam a assumir caráter mais sistemático. Os documentos da Universidade Federal de Lavras (UFLA) contrapõem o enfoque dado pela Universidade Federal de Viçosa que afirma ser a pioneira de tais atividades, inaugurando-as em 1929 com a realização da “Primeira Semana do Fazendeiro”. Em trabalho publicado pela Coordenadoria de Extensão da UFLA por ocasião das comemorações dos seus 80 anos, afirma-se:

A Extensão Agrícola, como instrumento de informação, difusão de conhecimentos técnicos desenvolvidos em centros de ensino e pesquisa agropecuária surgiu em época anterior a 1929, como citam inúmeros documentos e/ou publicações oficiais, identificando o surgimento da Extensão Agrícola no Brasil, mais precisamente no ano de 1921, junto à Escola Agrícola de Lavras.

A criação do Grêmio Agrícola de Lavras, em outubro de 1921, tendo como primeiro presidente o aluno Jaime Ferreira Brito, é considerado fundamental para o início das atividades sistemáticas relacionadas à extensão agrícola. É criado na escola, em 1924, o programa de “propaganda Agrícola” que se utilizou de algumas iniciativas já existentes para intensificar os objetivos de extensão. O objetivo era ampliar os esforços pela modernização da Agricultura. Aproveitando-se da estrutura adquirida pela Escola Agrícola de Lavras, o serviço de propaganda agrícola poderia acelerar o referido processo. A revista *O Agricultor*, de fevereiro de 1924, assim apresenta o referido programa:

Um dos maiores factores do progresso moderno da agricultura tem sido o desenvolvimento do trabalho agrícola pelo ensino ambulante. Podemos chamar esse serviço, fomento agrícola, propaganda agrícola, ou serviço de divulgação, mas o fim é sempre o mesmo: levar directamente ao fazendeiro e à sua família a instrução agrícola. O progresso da agricultura depende de três aspectos de esforços: 1º Pesquisas e investigações; 2º Ensino agrícola nas escolas primarias, secundarias e superiores; 3º propaganda agrícola para a instrução do fazendeiro em meio de suas atividades. Há no paiz mais de 650.000 fazendas onde trabalham alguns milhões de pessoas, enquanto que nas escolas agricolas do paiz estão estudando apenas algumas centenas de moços. É facil verificar então a importancia de um Serviço de Propaganda directo, pessoal ao fazendeiro. A Escola Agrícola de Lavras (Fundada em 1908) acaba de organizar um Serviço de Propaganda Agrícola. Esse serviço oferece ao lavrador e ao criador a cooperação da Escola e de muitas firmas comerciaes e tambem em occasiões espaciaes, a cooperação dos governos, e a soluço dos seus problemas. O motivo deste trabalho é dar occasião a que a Escola Agrícola de Lavras e diversas companhias comerciaes façam uma contribuição directa para a porsperidade do paiz, demonstrando assim a sua sympatia pela classe agrícola. Nessa propaganda não se visa resultados financeiros directos mas, acontece que promovendo a prosperidade geral, todos os que fazem parte do serviço participarão deste estado geral de cousas [...] O programa inclue: Publicações agrícolas, correspondencias e consultas, graphics, photographias, cartazes, films agrícolas, visitas as fazendas e varias zonas agrícolas, campanhas sobre problemas especiaes da lavoura, pecuaria [...] Offerecer os seus auxilios a todo individuo que o peça, dentro dos limites razoáveis de tempo, distancia e exigências.

Ao ressaltar a participação norte-americana no patrocínio desse programa de extensão agrícola, apresentado como essencial ao progresso da agricultura brasileira, promove-se a simpatia necessária à penetração dos missionários com os seus objetivos reformadores.

## Eventos

No mesmo ano de 1921, quando foi criado o Grêmio Agrícola de Lavras, é realizada a Primeira Exposição Agropecuária do Estado de Minas Gerais, com a participação de produtores de várias regiões do Estado. Paralelamente a esta exposição, continuava a ser promovida anualmente a Exposição Nacional do Milho, iniciada em 1915. *O Agricultor*, de agosto de 1929, resalta que a Exposição Agropecuária de Lavras já se tornava tradição. Anuncia a sétima vez que o evento era realizado, apontando-o como de singular importância para a ampliação do conhecimento das técnicas modernas da administração da propriedade rural com as diversas atividades a ela pertinentes. Esta exposição foi organizada pela Sociedade Agrícola de Lavras, com o apoio do governo do Estado, mas sob a influência da Escola Agrícola.

Além dessas exposições, a partir de 1933, seguindo o exemplo da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, passa-se a realizar em Lavras a Semana do Fazendeiro.

É anunciado que durante o evento mini-cursos relacionados às diversas práticas agrícolas seriam ministrados gratuitamente aos lavradores e aos produtores rurais. O objetivo era levá-los a superar as velhas e ultrapassadas práticas divorciadas do saber científico. Por outro lado, tal experiência não é desprezada pelos organizadores do evento, pelo menos como base para os avanços necessários oportunizados pela orientação técnica.

A partir de 1935, um outro evento, “coadjuvado pela Nona Exposição Agropecuária de Lavras, pela Segunda Semana do Fazendeiro e pelo Terceiro Concurso de Vacas Leiteiras”, foi inaugurado na Escola Agrícola de Lavras: a Semana do Ruralista. Seguindo o propósito dos outros eventos, essa Semana tinha o objetivo de renovar, por meio do ensino, a agricultura nacional, ajustando-a às técnicas modernas. Os cursos e palestras oferecidos, além de divulgar a Escola e aproximar a sociedade regional da pregação protestante, serviriam como elemento multiplicador dos propósitos da agricultura moderna, ancorada na pesquisa científica. O *Agricultor* de 1935 assim relata os objetivos e os resultados obtidos na inauguração do evento, a Primeira Semana Ruralista de Lavras:

Este acontecimento, cujo nome veio prestigiar a serie de certamens realizados em princípio do mez de julho foi, sem duvida, o de maior alcance educacional. [...] A Escola Agrícola de Lavras, compreendendo bem o valor patriótico das realizações desta natureza, abriu as suas portas e os seus salões, pequenos para abrigar o numero elevadíssimo de alumnos, assistentes das aulas ministradas no seu prédio principal. Alli se ministraram mais de cincoenta cursos, todos de interesse a aplicação imediatos. Uma centena de professores, além de outras tantas pessoas interessadas, de todas as partes de Minas, frequentavam ávidas de conhecimentos, essas aulas. Nos três grupos escolares, houve diariamente, varias aulas theoricas e praticas, uma verdadeira ‘ Escola Activa’. Nos collegios da cidade repercutiu interessantemente o echo da semana ruralista, todos se interessavam por seu trabalho e por seus inestimáveis ensinamentos. Os alumnos que lucraram com as proveitosas lições, forma muito além de mil. Mas a semente lançada nessa mutidão de professores e alumnos, hoje ainda em centenas, já amanhã ultrapassará os milhares pelo Brasil afora, pregando e executando um trabalho útil e patriótico de uma pátria Nova. Se as aulas foram frequentadíssimas à noite, a assistência às reuniões foi sempre crescendo, ultrapassando por muito a lotação do Theatro Municipal, que é de mil pessoas.

A Semana do Ruralista era promovida pela Escola Agrícola de Lavras em parceria com a Sociedade Rural local, a Prefeitura Municipal e o comércio local, com o auxílio dos governos Federal e Estadual. A Sociedade Brasileira dos Amigos de Alberto Torres, criada em 10 de novembro de 1932, patrocinou este evento. Essa organização ocupava-se da perpetuação dos ideais do seu patrono, intelectual republicano, que, decepcionado com a República proclamada por meio de um golpe militar, defendia a renovação nacional por meio do desenvolvimento científico, do ponto de vista positivista. A referida organização procurava

cumprir os seus objetivos com a publicação de livros e periódicos, além de realizar e patrocinar eventos de cunho “ruralista” no país. A Semana Ruralista de Lavras, embora não sendo um evento exclusivamente vinculado aos ideais da referida organização, associa-se com ela no que se refere à construção da nova identidade profissional considerada essencial para que o Brasil se modernizasse, tomasse forma, tornando-se assim uma nação. Esse movimento estava diretamente ligado à educação como um dos elementos principais para a construção da almejada identidade Nacional.

Esses eventos com objetivos voltados para a extensão agrícola, promovidos pela Escola Agrícola de Lavras, embora fossem da iniciativa da instituição, estão evidentemente vinculados aos ideais proclamados em um determinado contexto político, buscando solução para problemas constatados. A ruptura com a política monopolizada pelas oligarquias agrárias, o avanço no processo de modernização do país, a industrialização, o êxodo rural, dentre outros, formaram um conjunto de elementos que motivaram e favoreceram a realização desses eventos que poderiam alterar a cultura dos produtores rurais, ajustando-os aos ideais modernizadores.

## **Publicações**

A publicação de boletins, periódicos e livros foi uma das principais formas utilizadas pela Escola Agrícola de Lavras para promover a agricultura científica fortemente marcada pela cultura norte-americana. Esse recurso também foi utilizado pelas outras instituições, desde o final do século XIX, intensificando-se na terceira década do século XX. A Escola Agrícola de Lavras, além de seguir a metodologia adotada pelas instituições similares da época, já encontrou entre os seus organizadores uma tipografia organizada e com a prática de publicar livros, folhetos e jornais para a divulgação das suas ideias religiosas. No Museu Bi-Moreira, da Universidade Federal de Lavras, e no Pró-Memória Gammon, há vários livros, principalmente de Samuel Gammon, publicados com fins religiosos, como comentários bíblicos, história eclesiástica, sermões, dentre outros. Faz parte da tradição protestante a exploração da imprensa para o cumprimento dos seus objetivos missionários. No Brasil os primeiros missionários, assim que chegaram em 1859, logo trataram de publicar o seu material de doutrinação e propaganda. O primeiro jornal protestante, *Imprensa Evangélica*, foi criado no Rio de Janeiro em 1864. Matos (2008, p. 7) arrola diversas publicações com essa finalidade e comenta que

a Reforma Protestante ocorreu na esteira da invenção da imprensa e da enorme produção editorial suscitada por esse avanço tecnológico. Os reformadores souberam se utilizar desse meio eficaz para divulgar as suas idéias junto aos seus correligionários e ao público mais amplo. Seu exemplo criou uma tradição de valorização da literatura que se transmitiu aos seus sucessores. Os presbiterianos brasileiros, influenciados por essa mentalidade, investiram desde o início na publicação de literatura como meio de divulgação do seu movimento de fixação das suas propostas.

No campo educacional, o Instituto Evangélico de Lavras já se utilizava desse recurso para anunciar os seus projetos, inserindo-os na cultura local. Com a criação da Escola Agrícola, desde o seu início a tipografia foi colocada a esse serviço, levando informações não só aos alunos e professores, mas também publicações direcionadas à comunidade em geral com objetivos relacionados à extensão rural. As suas publicações ganharam mais importância na década de 1920 após a criação do Grêmio Agrícola.

Uma das principais publicações da instituição foi a revista mensal, de circulação nacional, “O Agricultor”. O primeiro número foi lançado em 1922, sob a responsabilidade do Grêmio Agrícola da escola, “contendo artigos, reportagens, notas, cartas-respostas e outras matérias sobre agropecuária, pretendendo instruir e educar os agropecuaristas brasileiros, bem como promover o desenvolvimento rural do país. Até 1935 era a única revista agropecuária do Estado de Minas<sup>3</sup>”.

A revista *O Agricultor*, procurando cumprir os objetivos relacionados à propaganda agrícola, publicava artigos dos professores e recebia contribuições técnicas oriundas de outros órgãos. Havia na revista uma seção de consultas, com o objetivo de interagir com o produtor rural. O periódico circulou até 1943, quando, por problemas financeiros, deixou de existir. O conteúdo da revista, especificamente durante o período que é objeto desta pesquisa, refere-se à divulgação dos atos da escola agrícola de Lavras. Resultados de experiências realizadas pela escola, trabalhos realizados pelos alunos, registros das atividades, bem como outros aspectos da divulgação do *modus operandi* da instituição são os principais componentes do seu conteúdo.

Notícia abundantemente eventos tais como as exposições agropecuárias, semanas do agricultor e do ruralista e os resultados nelas obtidos e as possíveis implicações para o produtor rural. A revista apresenta ainda a resenhas de livros publicados na área das ciências agrícolas, especialmente aqueles publicados pela própria escola. A revista de fevereiro de 1924 anuncia diversos procedimentos a serem adotados em campanha para incentivar a criação de porcos e a utilização de máquinas agrícolas. Incentiva ainda a utilização

<sup>3</sup> Publicação da Coordenadoria de Extensão da Universidade Federal de Lavras em 1988, comemorando os 80 anos da Universidade.

sistemática do próprio periódico como meio de informação necessário ao aumento da produtividade nos diversos setores da produção agrícola.

Na seção de consultas da revista aparecem correspondências de diversas regiões de Minas Gerais e até de outros estados. Em uma delas, um fabricante de queijos, Eugênio Leal, de Soledade de Itajubá, apresenta dúvidas quanto à fabricação do queijo prata. Informa que as orientações recebidas anteriormente não tinham sido suficientes. O ex-aluno e professor da Escola, Oswaldo Emrich, encarrega-se de responder, oferecendo minuciosa orientação técnica. No mesmo número da revista, um produtor do Estado do Paraná faz consulta sobre avicultura.

Os boletins gratuitamente distribuídos aos agricultores, contendo informações diversas sobre a cultura do milho (boletins I a V), criação lucrativa de suínos (boletins VI e VII), eram anunciados pela revista. Cartazes eram distribuídos anunciando a existência dos referidos boletins e de filmes cinematográficos que poderiam ser exibidos em centros agrícolas. Esses cartazes remetem os seus leitores às páginas da revista *O Agricultor*, onde se encontravam as descrições completas dos seus conteúdos. No número de julho de 1928, consta a apresentação dos seguintes filmes agrícolas:

O Serviço de Propaganda Agrícola da Escola Agrícola de Lavras oferece para exibição em centros agrícolas uma série de films instructivos adquiridos do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos. Estes films já foram exibidos com grande sucesso no Congresso dos Criadores Mineiros, em Bello Horizonte, na Sexta Exposição Agropecuária de Lavras e em São Paulo, pela Sociedade Rural Brasileira. Os assumptos tratados são: Avicultura Moderna, Combate ao Carrapato, O Berne, A Varejeira, Vermes nos Porcos, Movimentos do Cavallo, Reproductores de Raças Leiteiras, Cultura de Laranja na Florida, o Feijão Soja, As Cooperativas Agrícolas.

Além das orientações relacionadas à produção rural, encontravam-se nas páginas de *O Agricultor* vários outros saberes, veiculando crenças e valores da instituição que o mantinha. O cuidado da saúde é tema que merece especial cuidado.

Esse cuidado remete-se à imagem do Brasil reiterada naquele momento: um país doente e que só poderia alcançar o progresso se resolvesse esse problema básico. O “processo civilizador” do Brasil, segundo o debate empreendido pelo movimento sanitário, dependia diretamente da reversão do quadro no que dizia respeito às condições de vida da população, especialmente às populações rurais. O caboclo brasileiro, embora forte por natureza e habitante de terras produtivas e férteis, tornava-se vítima indefesa de diversas doenças. Vencer o descaso para com a saúde pública e tornar esse brasileiro saudável deveria ser providência urgente do Estado para que o Brasil pudesse desenvolver todo o seu potencial,

tornando-se uma nação forte. Nesse sentido, Kropf e Lima (2008<sup>4</sup>) afirmam que “o movimento pelo saneamento do Brasil, desencadeado durante a Primeira República (1899-1930), colocou em evidência as precárias condições de saúde das populações rurais como principal obstáculo a que o país se civilizasse e se tornasse efetivamente uma nação”.

Para grande parte da intelectualidade brasileira deste período, a promoção do conhecimento científico e a sua interferência na realidade brasileira representavam a grande esperança de sanear o país, proporcionando-lhe as condições necessárias ao almejado progresso. A revista *O Agricultor* demonstra, em diversos de seus artigos, que adere ao discurso sanitário. A almejada reforma da sociedade passaria também pelos cuidados necessários com a saúde.

No primeiro número da revista, aparece artigo “Protecção à Creança”, do Dr. Paulo Menicucci, denunciando os problemas relacionados às precárias condições de saúde percebidas no interior do estado:

Quem quizer tomar o trabalho de percorrer logares recônditos do estado de Minas, certo ao par do grande surto de progresso, observado no desenvolvimento considerável da cultura do café, da canna de assucar, do cereaes e do grande adeantamento da pecuária com todas as suas industrias correlatas, não deixará de notar o quanto de trabalho ainda se faz mister para collocarmos o homem lavrador a coberto de tantas e tão variadas endemias, eternos obstáculos, barreiras consideráveis levantadas na estrada do progresso do nosso grande Paiz. Causa pena principalmente o modo porque são tratadas a creanças. Na phase da vida em que a espécie humana tem necessidade dos maiores cuidados por parte dos paes e mentores, a infância é completamente abandonada. Não se cuida do homem no desabrochar da sua existência; não se lhe ministram os necessários desvelos de que muito carecem, e, não há negar, a existência torna-se-ha um fardo pesadíssimo para o infeliz predestinado, cujo trabalho jamais conseguirá eleva-lo á altura de ente útil á sociedade. É o que se observa no meio rural [...]. (*O Agricultor*, 1921).

A revista *O Agricultor* criou a partir de 1925 uma seção com o título “O Companheiro do Lar”. Nela, é também demonstrada a mesma preocupação com o saneamento do Brasil nos moldes do movimento sanitário, embora não haja evidências de ligação direta com o referido movimento, mas apenas a reprodução de um discurso bastante comum no meio intelectual brasileiro naquele período. A professora de Artes Domésticas da escola Karlota Kemper, Bella Kolb, era a responsável pelo trabalho. A seção era composta de artigos e de respostas às consultas feitas por donas de casas sobre assuntos diversos relacionados à administração da casa. Desde informações referentes à etiqueta, formas adequadas de se pôr à mesa, receitas e outras, até orientações referentes ao cuidado da saúde da família.

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.fiocruz.br/chagas/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=57>; acesso em 16 dez. 2008.

Na revista de outubro de 1925, há um artigo de Bella Kolb sobre a relação entre os cuidados com a alimentação da família e a promoção da saúde. Aparece a foto de uma criança forte, bem vestida, alegre, com os dizeres: “Uma Criança bem alimentada é a alegria do Lar”. Na sua dissertação, a professora expõe as dificuldades que as famílias enfrentam devido à desinformação. Não cuidam adequadamente desse aspecto tão importante da administração do lar, permitindo que as condições de saúde se tornem precárias. A informação, do ponto de vista científico, também nesse sentido se torna imprescindível, razão pela qual a revista se apresenta na tentativa de preencher mais essa lacuna. Busca o desenvolvimento do país, tendo como fundamento, naturalmente, as suas convicções teológicas em relação à vida e à necessidade de civilização como meio de valorizá-la, possibilitando não somente o seu prolongamento saudável, mas também o exercício da sua vocação no mundo. Uma existência útil à sociedade. Bella Kolb assim afirma:

Uma das causas de morte prematura está no modo irracional de nos alimentarmos. Em geral, comemos muito e o que é pior, não sabemos escolher bem os alimentos. A alimentação tem por fim fornecer ao organismo as substancias necessarias à sua conservação, á sua reparação e ao seu desenvolvimento. Comemos para viver. Assim como as peças de uma machina se gastam com o uso, também as células do nosso corpo soffrem e continua usura.

Passa, a autora, a fazer um arrazoado quanto ao valor de diversos tipos de alimentos e o papel que desempenham na produção das substâncias necessárias ao funcionamento adequado do corpo humano. Procura desfazer mitos populares quanto a comportamentos considerados prejudiciais à saúde que, na verdade, do ponto de vista “racional”, “científico”, são benéficos. O ar puro e fresco da manhã e da noite, por exemplo, são citados como elementos importantes a serem desfrutados pelas crianças e não evitados, como de costume. Cita o exemplo de uma numerosa família, sob os cuidados de uma bondosa mãe, a “senhora Soares”, mas sem orientação adequada, nutria hábitos incorretos e prejudiciais. A solução foi encontrada a partir do momento que essa senhora recebeu as informações necessárias por um médico e, então, passou a praticá-los no que concerne aos hábitos alimentares. O parecer científico, técnico, foi de importância fundamental para que aquele lar se corrigisse, passando a usufruir corretamente dos recursos naturais de que dispunham.

Dentre as publicações da Escola Agrícola de Lavras que faziam parte do Serviço de Extensão Agrícola, surge, a partir de 1924, o folder que apresenta especificamente a Fazenda Modelo “Ceres”, produzido pela “Tipografia do Instituto Evangélico”. A missão de equipar o produtor rural com conhecimentos científicos e de colocar à sua disposição os resultados obtidos nas pesquisas e experimentos realizados na escola é claramente exposta no referido

documento. O próprio sistema de “fazendas modelo” e campos de experimentação é peculiar às primeiras décadas do século XX, fundamentado na proposta republicana para a Educação. Contrasta com a predominância do enfoque bacharelesco próprio do período imperial.

Esse novo modelo é bastante enfatizado em Minas Gerais pelo programa progressista do governo João Pinheiro. Nesse governo, surgem diversos campos de experimentação e as fazendas modelo, várias delas sob a responsabilidade direta do Estado e outras, como no caso desta, ligada à Escola Agrícola de Lavras, de iniciativa particular, mas com o apoio do poder público. Esses estabelecimentos serviam para reforçar a construção da imagem de uma nova agricultura. A produção da mudança de procedimentos era urgente. Era preciso investir na informação, na propaganda, na Educação. Esta não deveria ater-se aos bancos escolares, uma vez que o acesso a estes espaços privilegiados de produção do conhecimento científico ainda era bastante limitado.

No catálogo há abundante utilização da imagem fotográfica. As pocilgas, instalações amplas, bem cuidadas e os porcos da raça Duroc-Jersey apontam para o rigor técnico e o pioneirismo da escola, enfatizando sempre a importação de animais de raça e, especificamente a introdução no Brasil da referida raça de porcos consideradas economicamente viáveis pelo tamanho e produtividade, além de se adaptarem bem no Brasil. Ressalta-se a criação de aves de raças, coelhos, gado bovino, ovinos, caprinos dentre outros, sendo demonstradas também em fotografias.

Os mesmos recursos são utilizados para a divulgação de culturas, tais como feijão e soja. Há grande ênfase na qualidade dos produtos e na forma como são cultivados, incentivando aos produtores não somente a adquirirem as sementes desejadas, mas também a adotarem as orientações contidas no catálogo, garantindo assim, a manutenção da qualidade do produto original.

Catálogos semelhantes ao acima mencionado são também produzidos em inglês, para a divulgação dos atos das missões no seu país de origem. Benjamin Hunnicutt publicou o opúsculo *Agriculture in the Program of Modern Mission*, contendo informações relacionadas aos métodos missionários adotados em outros países e a experiência brasileira, em particular. Explica ser o objetivo principal das missões mundiais a redenção do homem pelo Evangelho de Cristo. Contudo, promover o desenvolvimento humano, melhorando as suas condições de vida, é também aspecto que não deve ser desconsiderado como testemunho cristão. Benjamin Hunnicutt é o autor do referido catálogo onde fala do lugar que os projetos de modernização da agricultura ocupam nas missões modernas. Conta a sua própria experiência pessoal quando

em 1905, tornou-se um voluntário para integrar-se nesse programa, atendendo ao apelo do “Movimento Voluntário Estudantil”.

No catálogo de 1920, apresenta o “Lavras Agricultural College”, com diversas fotografias, enfocando a dupla ênfase da escola: os conhecimentos teóricos e pesquisas de campo e em laboratórios associados ao fazer cotidiano, à prática. Acompanham o referido exemplar, cartas de órgãos norte-americanos, acusando o seu recebimento nos Estados Unidos.

Vários livros também fazem parte das publicações da Tipografia Evangélica destinada à divulgação das escolas que compunham o Instituto Evangélico e, especialmente, do serviço de extensão rural da Escola Agrícola de Lavras. Um dos principais livros publicados por professores da instituição foi a obra “O Milho: Sua Cultura e Aproveitamento no Brasil”, do fundador da escola Benjamin Hunnicutt. Esta publicação foi realizada por meio da editora Livraria Leite Ribeiro do Rio de Janeiro. Segundo o próprio autor, a obra foi escrita para o lavrador. Assim, procurou ser de fácil compreensão e de valor essencialmente prático. Visava a aprimorar a cultura do milho, mantendo-o como um dos mais importantes cereais produzidos no Brasil.

Benjamin Hunnicutt já havia publicado, em 1916, um pequeno livro, intitulado *O Livro do Milho*, tendo aquela edição se esgotado rapidamente. Percebido o interesse e a necessidade de maiores informações referentes a essa cultura, ampliou o seu conteúdo, dando origem à obra publicada em 1924, que teve grande aceitação em todo o país. O livro, publicado em 1924, tinha 12 capítulos e 304 páginas. O conteúdo era bastante abrangente. A maior parte dos capítulos do livro aborda aspectos bastante técnicos, tais como um levantamento da produção do milho nos diversos estados do Brasil, o progresso obtido a partir de 1916, passando o Brasil de importador para exportador do produto.

Abordava também a produção em outros países tais como Estados Unidos, Argentina e México; a origem, classificação, descrição botânica e reprodução; o clima em relação ao milho, solo, afolhamento e adubação; os melhoramentos do milho, colheita e conservação, as pragas importantes. Os últimos capítulos são destinados a orientações referentes à comercialização do cereal, usos para os animais e para o enriquecimento da alimentação humana, a importância e procedimentos dos métodos de ensilagens. A referida obra foi referência nessa área do conhecimento.

A Escola Agrícola de Lavras, atual Universidade Federal de Lavras, teve grande participação no melhoramento de milho no Brasil na década de 1920, o que culminou com a publicação de dois livros, sendo o primeiro sobre a cultura e melhoramento do milho no

Brasil e o segundo sobre genética e melhoramento de plantas, publicados por Hunnicutt (1924) e Paiva (1925).

Além da obra supracitada, Benjamin Hunnicutt publicou boletins, livros, artigos e opúsculos sobre diversos temas relacionados à produção agrícola com objetivos semelhantes aos da sua principal obra.

### **A Escola Agrícola de Lavras na percepção da sociedade local**

Os documentos que possibilitaram a realização do presente trabalho permitem avaliar o lugar que a Escola Agrícola assumiu no imaginário social de Lavras e região e em outros lugares onde suas práticas eram divulgadas. O fato de colocar em evidência uma pequena cidade do Oeste de Minas Gerais, utilizando-se dos eventos e publicações da escola, a propaganda do seu pioneirismo em diversos aspectos da produção do conhecimento técnico nas diversas áreas da agricultura, serviu para que a instituição ganhasse a admiração dos moradores da cidade, principalmente aqueles que eram portadores dos ideais de civilização e progresso nos moldes ali empreendidos.

O jornal *A Gazeta*, de Lavras, órgão sem ligações diretas com o Instituto Evangélico ou a sua entidade mantenedora, em agosto de 1936 reivindica o reconhecimento da Escola Agrícola por parte do governo federal. Critica a demora desse ato, argumentando que a qualidade do trabalho realizado pela escola no decorrer dos anos deveria ser elemento motivador para que tal reconhecimento se agilizasse. É possível perceber um certo exagero no texto, próprio do estilo poético adotado pelo autor. Em tom de discurso político ressalta de forma calorosa as qualidades da escola:

O reconhecimento da nossa Escola Agrícola por parte do governo federal é uma medida que se impõe, que se faz urgente, não como um favor, como um benefício à nossa cidade, mas porque o governo está no dever de fazer justiça, ainda que tardia, a um educandário que se vem destacando no Brasil pela sua eficiência e pelo patriotismo com que vem preparando a mocidade para a grande luta da agricultura. É de causar a mais dolorosa estranheza, não resta a menor dúvida achar-se a nossa Escola Agrícola ainda dependendo daquele ato governamental, quando o seu nome, esplendidamente firmado em todos os quadrantes do país, é um motivo de orgulho para Minas e quiçá para todo o Brasil. De facto, quem olhar para os departamentos de onde se irradiam os ensinamentos da cultura racional há de encontrar, sempre em destaque, um nome que se relaciona com a nossa Escola, um nome que aqui se iniciou, que aqui se fez, que daqui se projetou. Lutando victoriosamente em todos os setores da nossa actividade agrícola, os alumnos da nossa Escola vão-se distinguindo em toda parte, assim no sul como no centro, como no norte do país. Já é grande, muito grande, a phalange dos nossos dos nossos cientistas, dos nossos thecnicos, dos nossos agricultores racionaes, a firmarem em toda parte a potencialidade da nossa

Escola Agrícola. Nos campos como nos laboratórios elles se destacam sempre, apesar da relativa pobreza material do centro em que se formaram. E se destacam porque a Escola Agrícola de Lavras, apesar de pobre, apesar de afastada dos carinhos officiaes, está intellectualmente aparelhada para prestar ao país ainda mais serviços do que as congêneres do Estado, aquellas que bem cedo souberam abeirar-se dos detentores da cornucópia das graças... E de estranhar-se, pois, o alheamento do governo federal, que se tem feito surdo á razoável solicitação dos directores da nossa Escola, que merecem, incontestavelmente, mais attenção e mais carinho. Se de todo o país, mesmo do extremo norte, affluem para esta cidade tantos moços desejosos de aqui se instruírem e se formarem, ao menos este facto deveria impressionar o governo e move-lo a uma attitude de justiça, que seria o reconhecimento, sem mais demora, de um estabelecimento cujo nome vem sendo firmado pelos technicos e verdadeiros scientistas que sahem dos seus bancos para o grande scenario onde se vem fazendo o Brasil. Que o ministro Odilon Braga considere estas palavras, não como um grito de natural revolta, mas como um pedido de justiça.

O texto reproduz e reforça claramente a imagem de superação, vitória, racionalidade científica, referência regional e nacional, intelectualidade. O mesmo jornal noticia com ufanismo o reconhecimento da escola por parte do governo federal. Nessa outra matéria, ressalta-se a competência do então diretor da escola e a repercussão que o ato do governo federal teve perante a população local. É enfatizado pela reportagem o interesse geral sobre a matéria, apontando para a importância dada àquela instituição escolar. Com o reconhecimento da Escola Agrícola de Lavras, quatro eram os estabelecimentos que preenchiam as exigências da organização do ensino agrônômico por parte do governo federal. Além dela, a Escola Nacional de Agronomia do Rio de Janeiro, a Escola de Agronomia e Veterinária de Viçosa e a Escola Agrícola Luís de Queirós, de Piracicaba. Essa condição privilegiada da escola é reconhecida, segundo o jornal, como de grande interesse para toda a sociedade local e regional.

Sobre a qualidade da educação produzida pela Escola Agrícola, tanto no que diz respeito ao ensino sistemáticos dos seus alunos em cursos regulares, como na instrução geral oferecida aos produtores rurais por meio das suas atividades de extensão, *A Gazeta* noticia:

A Escola Agrícola de Lavras – não somos nós quem o diz, mas, como Raul de Paula, muitos hospedes illustres que nos teem confortado com o seu estímulo – a Escola Agrícola de Lavras pode não impor-se á admiração do Brasil pelo aspecto material das suas installações. Ella impressiona, entretanto, pelo espírito que preside a todas as suas actividades theoricas e praticas, pela aptidão e desprendimento de seus dirigentes e professores, pela applicação dos seus alumnos e, o que é mais notável, porque é a prova tangível da sua efficiencia, pelos thenicos, de irrecusável autoridade, que tem proporcionado ao país e cujas luzes se refletem lisongeiramente, dos mais altos postos de direcção, na política econômica da nossa pátria.

A Escola Agrícola, desde o seu reconhecimento pelo governo estadual, em 1917, quando realizou-se uma grande passeata pelas ruas de Lavras, procura estender ao povo as suas conquistas. Assim, como toda instituição que deseja implantar-se no imaginário coletivo como mais do que uma propriedade particular, como um patrimônio da comunidade com nobres propósitos coletivos, por meio desses ritos, inclui a participação popular. A participação do povo serve de argumento para demonstrar a sua aceitação e, ao mesmo tempo, para reforçar a imagem de propriedade do povo, motivo do orgulho coletivo. Como afirma Carvalho (1995, p.10), “o imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também [...] por símbolos, alegorias, rituais, mitos”. Na edição do dia 20 de agosto de 1936, *A Gazeta* noticia a realização das festividades em comemoração ao reconhecimento da Escola Agrícola por parte do governo federal.

É construída a imagem de fraternidade, irmandade, unidade em torno dos interesses comuns da sociedade, tendo a escola como mediadora. A Escola Agrícola de Lavras no imaginário local deixa de ser uma mera instituição particular pertencente a um grupo religioso e torna-se propriedade de Lavras. O próprio jornal refere-se a ela como “nossa Escola Agrícola”.

A leitura do livro *Impressão de visitantes de 1909 a 1924*, permite conhecer a escola na percepção de pessoas de diversas regiões e áreas de atuação que lá estiveram no período. Esse tipo de registro deve ser analisado levando em consideração a cortesia do visitante. Por outro lado, ainda que pontos negativos fossem evitados e os positivos exagerados, a escolha do que ressaltar oferece indícios da realidade da escola em estudo. Em 1909, primeiro ano de existência da Escola Agrícola, os seus visitantes apontam as evidências da escola como promessa de veículo de progresso para o país.

O relato do visitante Abelardo Lopes, seguindo a mentalidade do período no que diz respeito aos Estados Unidos como símbolo de desenvolvimento e progresso, ressalta a metodologia norte-americana como a grande responsável pelo bom andamento do projeto e que o faz tão promissor. Francisco Salles, outro visitante da escola também no seu primeiro ano de existência, anuncia:

A seção de agricultura do ginásio de Lavras, que acabo de visitar, está iniciada sobre os melhores auspícios com a direção competente do sr. Dr. Benjamin Hunnicutt e a vontade firme e constante do benemérito Dr. Gammon, vai ser um centro de irradiação do ensino agrícola da maior importância e destinada a exercer eficaz influência na transformação do trabalho, na agricultura desta região. Parabéns aos iniciadores destes melhoramentos nesta cidade, que estremeço por ser meu berço<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Registro de visita realizada no dia 26 de maio de 1909.

A maior parte dos depoimentos atribuem o sucesso do empreendimento à competência administrativa e perseverança de Samuel R. Gammon, o idealizador e fundador do estabelecimento e aos amplos conhecimentos técnicos e científicos de Benjamin Hunnicutt, o coordenador do projeto e detentor de grandes habilidades como pesquisador e educador no campo das ciências da agricultura. Em muitos deles as competências dos administradores da escola são diretamente relacionadas com a nacionalidade norte-americana, expressando a “americanofilia” própria do período.

Há também registros das impressões de estrangeiros que visitaram a Escola. Estes destacam normalmente os aspectos geográficos que a tornam privilegiada. Destacam ainda que esses recursos naturais, administrados com competência e dedicação, explicam o sucesso do empreendimento. A. G. Nelson, da Filadélfia, afirma:

Durante a minha extensa viagem à América do Sul, nunca tinha visto um colégio tão bem equipado e tão bem localizado, saudável e pitoresco do ponto de vista, como aqui. As oportunidades para o estudo de Agricultura são excelentes, do ponto de vista prática e privilegiados pelos extensos e belos campos do colégio – um ponto vital muitas vezes observado nas repúblicas da América do Sul<sup>6</sup>.

### **Considerações Finais**

Foi possível verificar, pela análise dos documentos que a Escola Agrícola de Lavras firmou-se como uma instituição de significativa relevância social, extrapolando o contexto local, influenciando diversas outras regiões do Estado de Minas e fora dele, onde circulavam as suas produções. A estratégia dos missionários protestantes de civilizar e, ao mesmo tempo, levar a mensagem evangélica de redenção foram de reconhecida eficácia. A Escola consolidou-se e a Igreja também.

O desenvolvimento proposto pela escola, os melhoramentos por ela implantados geraram credibilidade para que esses missionários fossem ouvidos, recebidos como portadores de boas notícias, mas também de ações significativas para o cotidiano do povo. O apoio das elites intelectuais detentoras do discurso desenvolvimentista abririam caminhos para despertar a simpatia da população em geral por aqueles que vieram não apenas para conquistar adeptos para o seu grupo religioso, mas oferecer as suas competências para promover o desenvolvimento.

---

<sup>6</sup> Registro de visita realizada no dia 14 de março de 1918.

Esse é o propósito declarado pelo fundador do Instituto Evangélico e da Escola Agrícola, Samuel Gammon, fazer a luz do Evangelho brilhar por meio de obras a ele correspondentes, levando às últimas consequências o lema “Dedicado à glória de Deus e ao progresso humano”. Esta era a proposta de evangelização indireta da Missão Leste que foi implantada em Lavras por meio do Instituto Evangélico e, em particular, da Escola Agrícola de Lavras.

### **Referências**

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CORPORAL, Francisco Roberto. **A extensão rural e os limites à prática dos extensionistas do serviço público**. Santa Maria- RS: UFSM. Dissertação de Mestrado, 1991.

KROPF, Simone Petraglia; LIMA, Nísia Trindade. A doença de Chagas e o movimento sanitário da década de 1910. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

LISITA, Frederico Olivieri. **Considerações sobre a extensão rural no Brasil**. Corumbá-MS: EMBRAPA, 2005.

MATOS, Alderi. 2008. **A Atividade literária dos presbiterianos no Brasil**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/10982.html>; acesso em 08 dez. 2008.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **Agronomia e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1999.

OLIVER, Graciela de Souza; FIGUERÔA, Sílvia Fernanda de Mendonça. Características da Institucionalização das Ciências Agrícolas no Brasil. In: **Revista da SBH**, Jul./Dez 2006 v. 4, n.2. Rio de Janeiro. p. 105-115

**Dr. José Normando Gonçalves Meira**

Universidade Estadual de Montes Claros - Brasil

Doutor em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC-SP

Grupo de Pesquisa História, Educação e Sociedade (GPES)

E-mail: meirajng@gmail.com

Recebido em: 15 de março de 2017

Aprovado em: 06 de abril de 2017